



O Assistente ao Emigrante



Órgão do Sindicato Nacional dos Empregados da Assistência aos Emigrantes em Navios Estrangeiros do Districto de Lisboa

Redacção e Administração

RUA FERNANDES TOMAZ, 20-1.
TELEFONE 28605

DIRECTOR: Bernardino dos Santos
EDITOR: Cesário dos Santos Monteiro
Propriedade do S. N. E. A. E. M. E.

Composição e impressão:

CALÇADA DOS CAETANOS, 18
TELEFONE 21450

BARRA FORA... ANO NOVO BARRA FORA...

Ainda o III aniversário

Para que fique na memória de todos os associados a formidável manifestação de solidariedade e homenagem à obra do Sindicato, a direcção num esforço económico muito de apreciar, e atendendo a que as receitas deste jornal o permitiam, resolveu publicar na integra os discursos pronunciados na memorável tarde de 27 de Dezembro, bem como parte da brilhante conferência do Ex.º Sr. Dr. Amaral Pirrait.

A falta do espaço não nos permitiu publicar por inteiro o elogioso trabalho do Dr. Amaral Pirrait, o que bastante nos penaliza, pelo que apresentamos as nossas mais sinceras desculpas ao illustre conferencista.

Resta-nos chamar a atenção dos nossos leitores — consócios e amigos — para a reportagem dessa festa, pois as afirmações que ali se fizeram são das tais que ficam a afirmar uma obra, que sendo de todos, todos devem ajudar a engrandecer.

O nosso jornal

Devido à muita colaboração que temos e que muito desejamos arquivar nas nossas colunas, o nosso número deste mês compõe-se de 8 páginas.

Novo colaborador

O Assistente ao Emigrante honra-se hoje com a publicação de um artigo de um colaborador, que se assina com o pseudónimo de Cosme.

Versa o novo colaborador, que é pessoa autorizada, um assunto de flagrante oportunidade, trazendo a lume um alvitre interessante.

Podem ser discutíveis os seus pontos de vista, mas nem por isso eles deixam de merecer a atenção de quem os ler, pois é louvável a intenção e mais elogioso ainda o facto de trazer para a discussão uma questão nova.

Do que nós precisamos é agitar todos os pontos que possam trazer luz para uma futura remodelação de serviços.

Se outro valor não tivesse o artigo do nosso colaborador — que o tem — este seria suficiente para o impôr à atenção dos nossos leitores.

Foi-se o 1936, velho e caduco, coberto de andrajós, após uma existência penosa e difícil.

Foi um ano que não deixou saudades, um ano que todos quizeram vêr passado.

Mal se ouviram os primeiros ruídos anunciadores do seu fim, todos respirámos fundo de satisfação e alívio, como quem arremessa um fardo pesado e incomodo.

E logo um sorriso nos clareou o rosto e uma onda de esperança nos invadiu. pondo no jovem 1937, todas as miragens dos sonhos que o ano velho não realizou, num renovamento de ilusões desfeitas.

É mister saudar o Novo Ano para que se esqueçam as desgraças que o ano velho trouxe ao mundo, e que ameaçaram subvertê-lo numa furia destruidora.

Nada ganharam os sentimentos do homem com este ano que morreu, e pouco, muito pouco mesmo se avançou em civilização.

Várias vezes o mundo esteve prestes a lançar-se numa guerra que seria o fim da humanidade, e mesmo assim algumas nações ha que se debatem em lutas que lhes consumirão o melhor das suas riquezas.

Terrivelmente mau foi o 1936!

Que a sua recordação se evapore da nossa memória rapidamente, e que o Novo Ano não traga do anterior as taras de desgraças de que ele era fértil.

Que a Paz sobre todos, que a prosperidade encha de alegria os corações, para que a vida não seja uma cruz que todos arrastam, com expressão triste de condenados.

O que foi o Ano de 1936 para ti, presado consócio? Pouco risonho, pouco ou nada diferente dos dois últimos.

Parte dêle passado sôbre mar, ouvindo a voz das ondas, gritando na solidão, nessa quietação que favorece a meditação e assusta, simultâneamente.

E o que será o 1937?

Melhor? Sim, sem dúvida alguma este simpático 1937, te trará mais alegria, mais pão, mais trabalho.

E é tudo o que se pretende.

A direcção do Sincato Nacional dos Empregados da Assistência dos Emigrantes, deseja a todos os seus associados, aos seus superiores e às agências de navegação, um Ano Novo replecto de prosperidades.

Ajudantes de enfermagem

Por absoluta falta de espaço, apesar de termos aumentado o número de páginas, ficamos de fora muito original, entre êle um artigo de um ajudante de enfermagem, tratando do problema dos seus alojamentos a bordo.

Sentimos bastante não poder dar publicidade a esse artigo, que é mais um elemento de estudo a considerar para futuro.

No próximo número dar-lhe-hemos publicidade.

Quando se resolverá?

O caso da indemnização aos nossos colegas naufragos do vapor «Eubée» ainda se encontra por resolver.

Por mais voltas que dêmos ao pensamento não conseguimos atinar com as razões de tal demora.

Estarão a apurar se o navio se afundou?

Despesas para bagagens

Cumpre-nos, gostosamente, comunicar a todos os associados que as firmas Lane & C.ª e Marcus & Harting, acederam ao pedido da direcção para que aos nossos associados fôsse paga a quantia de Esc. 7500 para despesas de bagagem.

Ficam, assim, tôdas as agências a conceder esta regalia ao pessoal, atitude que muito nos alegra registar.

Moradas

Tem-se-nos queixado vários associados por não terem recebido este jornal.

Trata-se de insuficiência de endereços ou de mau serviço de correios? Nestas condições queiram avisar-nos por escrito das faltas afim de providenciarmos.

Emigração

Sobre vencimentos do pessoal de assistência

Um navio é uma unidade social em movimento. Toma contactos sucessivos com nacionalidades diversas, no entanto a sua orgânica mantém-se constante, íntegra. Tem um chefe e subordinados divididos em categoria, e uma população flutuante e contribuinte: os passageiros.

Em categorias idênticas, há uniformidade de tratamentos, tanto no que respeita a direitos como a deveres. Entre os direitos, o mais sagrado é o que se refere à soldada que se mantém em pé de igualdade dentro da mesma categoria, não podendo admitir-se desniveis.

O pessoal português, embarcado em navios estrangeiros, vive a bordo uma vida precária, pela desigualdade de vencimentos em relação aos seus camaradas da nacionalidade do navio. Póde dizer-se, uma situação humilhante.

A lei que regula os vencimentos do pessoal, não os colocou nesta inferioridade.

Os intérpretes da lei é que não exigiram em devido tempo, o seu cumprimento integral.

De facto quando se estabeleceu o vencimento expresso em libras esterlinas, teve-se em vista o executar os pagamentos numa moeda de tipo estável, que punha o pessoal vivendo em território estrangeiro ao abrigo das flutuações cambiais, a que estava sujeita a nossa moeda antes da estabilização.

Mas a libra cujo valor não variava há 500 anos, teve uma rápida baixa de 40%. Ora essa baixa incidiu sobre a libra papel. A libra ouro mantém o seu valor facial. A libra esterlina (de *sterling*, o melhor) é a libra ouro, visto que a libra papel não é a melhor... e tem portanto um valor inferior.

Sucedeu que os sufistas das agências, deram ao caso a interpegação que mais lhes convinha, sem que os puderes constituídos, lhes viessem à mão. Assim pois ficou todo o pessoal português ceceado em 40% dos seus vencimentos, e duma maneira imutável, pois que os estrangeiros em consequência da desvalorização, tiveram aumentos e nós... ficamos amarrados à lei...

Para restabelecer este equilíbrio perdido, sem tocar na legislação em vigor, só vemos uma fórmula, que seria dada em ordem de serviço ou portaria. «O pessoal português de Assistência aos Emigrantes, nunca poderá ter vencimentos inferiores, aos dos outros tripulantes da nacionalidade de navio quando desempenhem serviços idênticos».

Com esta simples fórmula ficaram ressalvados todos os direitos.

As companhias não podiam honestamente eximir-se ao cumprimento desta medida, perfeitamente moral sem cair numa flagrante injustiça.

Lançaremos outra faceta do problema, que nos parece poder ser resolvido com a medida indicada.

Parte do pessoal está velho, impossibilitado de dar eficiência ao serviço que lhe incumbe, mas, envelheceu no mar, e os magros vencimentos, mal lhe tem chegado para prover as necessidades instantes, e muito menos amassar pecúlio. Uma vez desembarcado é a miséria que o espreita.

Não podemos pois, nem demiti-lo por humanidade, nem reformá-lo por falta de verba.

Sendo reduzido a título legal, o alvitre, que deixamos acima, os creados percebiam em média mais 3 libras por mez. Destas 3 libras poderiam contribuir com uma previlagem, ficando ainda com vencimentos superiores aos actuais. Ora em Lisboa e Porto ha 310 tripulantes que podem fazer uma média de 4 viagens por ano. Descontando cada um a libra por viagem, teríamos no fim do ano a bonita soma de 1240 libras, quantia mais que suficiente para garantia uma indemnidade anual a 30 velhos que seriam indirectamente substituídos e ainda seria possível constituir um fundo para a formação duma caixa de reformas e pensões. Aí fica pois o alvitre, que nos parece merecer estudos secundários se acaso os poderes a quem de direito compete a resolução deste assunto lhes parecer viável a medida.

Cosme

UM PROBLEMA DA MAIOR IMPORTANCIA

Cada vez se deve felicitar mais entusiasticamente a direcção actual pela iniciativa da edição de um jornal da classe.

Porque além da sua missão de educador, porta-voz dos sagrados interesses, por intermédio d'ele é possível levar a todos os associados o conhecimento dos problemas que mais interessam à classe, facilitando a formação de opinião que há-de conduzir a sua resolução.

Grandes e assinaláveis são já os serviços prestados por este órgão—e só quem fôr cego os não vê.

Hoje mais uma vez ele vem trazer à luz da discussão um problema que a classe terá de resolver com consciência e muita ponderação, porque ele é dos tais que podem vir a modificar profundamente a situação actual das coisas.

Que todos leiam com atenção o que vai seguir-se e sobre o assunto pensem demoradamente.

Mais tarde, quando fôr o momento de deliberar que cada um tenha já critério assente sobre o que vai decidir.

Sobre a relativa abundância de trabalho que neste momento vai tendo o pessoal de assistência ao emigrante de Lisboa, está-se formando na classe marítima da capital um ambiente desalegante e impróprio de gente do mar.

Uma das causas dela é o embarque de pessoal por fora da lei, para *pantrymens*, cosinha, lavatórios, etc. lugares que até há pouco eram desempenhados por espanhois.

Logo que a guerra civil que ensanguenta aquele país termine, quem nos assegura que esse pessoal não volte a ocupar esses lugares?

E se esse regresso se der, com quantos dias de estadia em terra ficamos nós?

Que não sirva, pois, a nossa actual situação para especulações grosseiras.

Na sua visita à capital, onde vieram por ocasião das festas do 3.º aniversário, os colegas da direcção do Sindicato do Norte, tiveram com os da direcção de Lisboa uma demorada conferência. Nela foi largamente estudada a situação do pessoal do norte, apresentada pelos representantes daquele Sindicato, em tintas bastantes negras.

De facto é preciso que se saiba que o pessoal nortenho atravessa, de momento, uma crise de certa gravidade.

Por outras palavras: a situação daqueles colegas é peor que a nossa. A estadia em terra anda à volta de 60 dias, ao passo que a nossa média é de 30 a 40 dias.

Para que a solidariedade devida aos nossos colegas não seja uma palavra vasia de sentido, apenas para usar em sessões e em officios, é urgente pensar-se na forma de poder valer-lhes.

A direcção do Sindicato do Porto apresentou naquela reunião o alvitre de se fazer um reajustamento dos quadros de Lisboa com os do Porto, com a *deslocação provisória* para aqui, do seguinte pessoal:

10 criados, dos quais quatro são cosinheiros;
3 ajudantes de enfermagem, sendo dois do sexo feminino e 1 do sexo masculino;

4 enfermeiros, dois de cada sexo.
A inclusão d'este pessoal nos quadros de Lisboa seria provisória, e logo que as condições se agravassem aqui ou melhorassem no Porto ele seria logo recambiado.

A direcção de Lisboa resolveu submeter o pedido—que já foi feito por escrito—à resolução da assembleia geral, para que ali os associados digam se sim ou não estamos dispostos a aceitar a sugestão do Sindicato do Porto, afim de se fazer a proposta superiormente.

Mais resolveu a direcção não tomar colectiva e oficialmente qualquer compromisso, muito embora os seus membros tenham já particularmente—como sócios—a sua opinião manifestada.

Para que cada um diga de sua justiça, a direcção convida todos os associados que não possam estar presentes à assembleia onde o assunto se debaterá—fins de Fevereiro, possivelmente— a deixar a sua opinião em carta fechada dirigida ao presidente da mesa.

Por sua vez O Assistente ao Emigrante põe as suas colunas à disposição de todo o associado para manifestar a sua opinião sobre este assunto.

E' portanto agora a oportunidade de cada um manifestar-se a favor ou contra a sugestão apresentada pelos camaradas do Porto, tendente a minorar um pouco a sua péssima situação económica.

Têm, pois, a palavra.

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA
COMISSÃO DE CENSURA

Comissão de homenagem

a

BERNARDINO DOS SANTOS

(LISBOA)

Artur José Pereira (Presidente)

Armando Sena

Alfredo Neves

João Gurgeira

António Barão

António Marques Sousa

Artur Diogo Paula

Mário Valente

António Pimentel

Maria Ribeiro

Alzija Dias Santos

Judite Franco da Silva

Laura Cardoso

Maria Patrocínio de Melo

Carolina Jesus Lopes

Paula Rosa Santos

Arminda Fernandes

Maria Nobre

Custódia Ramos

Ema Peres Moreira

Joaquina Gonçalves

Clara da Cruz

Alvaro Gomes

Alfredo Agrela

Arnaldo Custódio

Cesário Monteiro

Francisco Sanches

Humberto Peixoto

Jose António Sousa

Manuel Camara

Belarmino Alves

Joaquim Santos (Porto)

Frutuoso Brito

Francisco Infante

Avelino da Cruz

Artur Mourato Rebelo

Raul Herculano Machado

Júlio Correia Felix

Manuel Conceição Pinheiro

(PORTO)

Manuel do Nascimento Freixo

Luiz Rodrigues Marques

Amélia Alves

Bernardino Leuchener

António Correia Lima

Aníbal Barbosa

Arnaldo da Fonseca

Albertina dos Santos Vilela

Maria José Branco

Jovita de Carvalho

Aida Fernandes Moreira

António da Silva Aires

Carlos Pereira Cortez

Custódia José Sa

Aníbal Câmbra

Emílio Loubet Peixoto

AVISO IMPORTANTE

Por este meio se avisam todo o pessoal de assistência que por ordens superiores foi chamada a atenção deste Sindicato para a falta de apresentação do pessoal na Inspeção médica, logo após a seu desembarque.

Para que tal falta não venha a ser castigada com severidade, foi determinado que os sócios chegados aguardarão na séde a presença de todos os componentes da equipe que foram no barco, de forma que se apresentem na Inspeção médica ao mesmo tempo.

Para o efeito, o director de serviço não entregará a guia da apresentação se não quando estejam presentes todos os elementos que formaram a equipe.

CAIXA DE AUXÍLIO

Resumo do Movimento de Caixa no mês de Novembro de 1936

CONTAS	DÉBITO
Saldo anterior	18.496\$25
Cotas	1.840\$50
Total	20.336\$75
CRÉDITO	
Rendas	150\$00
Fundo de doença	46\$00
Empregados	50\$00
	246\$00
Saldo para Dezembro	20.090\$75
Total	20.336\$75

JORNAL

Resumo do movimento de Caixa do mês de Novembro de 1936

CONTAS	DÉBITO
Saldo anterior	461\$00
Cotas	340\$00
Total	801\$00
CRÉDITO	
Tipografia	180\$00
Despesas Gerais	12\$00
Redacção	75\$00
	267\$00
Saldo para Dezembro	534\$00
Total	801\$00

Escala de Vapores

durante o mês de Janeiro de 1937

PARA O SUL:

Dias	Vapores
2—	Asturias
3—	Anselm
4—	Vulcania
5—	Higland Brigade
7—	António Delfino
10—	Groix
14—	General Sant Martin
18—	Cap Arcona
19—	Higland Patriot
20—	Monte Sarmiento
22—	Formose
24—	Alcantara
28—	General Osório

Total: 13 vapores

PARA O NORTE:

Dias	Vapores
8—	Monte Pascoal
9—	Arlanza
10—	Higland Monarch
13—	Madrid
15—	Aurigni
17—	Saturnia
20—	Monte Olívia
23—	Hilary
23—	Almanzora
24—	Higland Chieftain
28—	Cap Norte
31—	Kerguelen

Total: 12 vapores

A todos que nos têm

Há na organização da classe um assunto negro, sem dúvida alguma grave, que apesar dos esforços já feitos parece cada vez complicar-se mais.

Esse assunto é o da arrumação dos velhos que existem nos quadros, cuja idade já não permite executar o serviço, como convém aos interesses das companhias dos emigrantes e ao próprio bom nome da Nação.

E' necessário e urgente, mas de uma necessidade e urgência absolutas, retirar do serviço esse pessoal. São instas as reclamações que as agências fazem a este respeito — há que afirmá-lo com coragem.

Mas por outro lado é desumano e impróprio de trabalhadores honrados e dignos, dar um passo sequer para afastar esses homens dos quadros para os deixar miseravelmente, legando-lhe como herança o humilhante recurso de estender a mão à caridade.

Pensando assim, crêmos que ninguém ousará negar-nos o seu apoio.

Está, pois, a questão neste estado aparentemente insolúvel: Manter esses homens a trabalhar é espoliar quem paga, é servir mal o emigrante e envergonhar a classe. Afastá-los do serviço sem garantias de qualquer auxílio efectivo, é cometer uma injustiça, é praticar uma acção aviltante, de que a consciência nos acusaria a toda a hora.

Que fazer, então?

Que fazer desses pobres homens de 60 a 70 anos com 30 e mais de navegação uma vida inteira de trabalho, uma vida inteira a servir os outros?

Que fazer desses velhinhos de cabeça branca, rosto mirrado e rugoso, músculos cansados e espírito encanecido, por tantos e tantos anos de labuta árdua e pesada como poucas?

Abandoná-los? Apontar-lhes a porta e indicar-lhes o caminho da miséria e da fome?

Não pôde sêr!

Tem as agências de navegação o dever moral de impedir que se cometa essa desumanidade; temos nós seus colegas de profissão a obrigação de em tal não consentir; tem o Estado o direito e a honra de não o permitir.

E de que forma? Concorrendo todos com a sua cota parte material para que esses velhos e esgotados trabalhadores regressem a sua casa com o pão do seu sustento assegurado até ao próximo fim da vida.

Assim cumpriremos todos um dever sagrado.

Resta que nos ponhamos de acôrdo e que se encetem com o indispensável espirito de humanidade, as demarches necessárias.

Por nossa parte estamos prontos.

A Memoravel Festado III Aniversário

Ainda estamos hoje sobre a formidável impressão de deslumbramento que nos trouxe a festa do terceiro aniversário do nosso Sindicato.

Na sessão solene, além do discurso de abertura do Ex.^{mo} Sr. Dr. Amaral Pirraí, antes de entrar na sua conferência que foi notável, e das brilhantes palavras de encerramento do Ex.^{mo} Sr. Dr. Frederico Macedo dos Santos, outros oradores fizeram afirmações que já mais esqueceremos.

Foi-nos oferecido o prazer inefável de verificar como no meio corporativo o Sindicato dos Empregados de Assistência aos Emigrantes, está cotado como uma organização particularmente perfeita.

Essas boas palavras, longe de nos deterem a saborear o gôso dos louros conquistados, servir-nos-hão de estímulo para prosseguir sem descanço na luta gloriosa para a perfeição. E consegui-lo-hemos.

Basta para tanto, que não arrefeça na classe o entusiasmo e o amor que dedicam ao seu Sindicato.

De lamentar, apenas a ausência forçada dos Ex.^{mos} Srs. Dr. Rebelo de Andrade, Sr. Tenente Castro e Silva e Dr. Afonso Malheiro, individualidades que dariam à festa uma nota de solenidade e de maior brilho.

A terminar esta nota de abertura, vai para todos os que nos honraram com a presença e com as suas palavras de merecido elogio, o sincero reconhecimento desta classe de dignos e sinceros trabalhadores.



A mesa da presidência

A representar o illustre Sub-Secretário de Estado das Corporações, presidiu o Ex.^{mo} Sr. Dr. Frederico Macedo dos Santos, Secretário Geral do I. N. T.

Sua Ex.^a assumiu a presidência, fazendo-se secretária pelos Ex.^{mos} Srs. João Raio de Carvalho, Dr. Fernando Amaral Cardoso, Emilio Loupet, do Sindicato do Porto e pelo nosso presidente da direcção Bernardino dos Santos.

A sala encontrava-se repleta de associados com pessoas de sua família, vendo-se nas primeiras filas, representantes dos Sindicatos Nacionais, etc.

Nas paredes, numa decoração feliz, as bandeiras dos Sindicatos, e a servir de fundo à presidência, ladeando a fotografia do Dr. Teonónio Pereira, as bandeiras de Portugal e do Brasil.

O discurso de Bernardino dos Santos

No maior silêncio, o nosso presidente da direcção iniciou assim o seu discurso:

Cumprir-me a mim, por acaso, como presidente da direcção deste Sindicato Nacional, dar-vos as boas vindas e agradecer-vos a honra que nos concedem em vir a esta modesta casa de pobres marítimos, trazer-nos o conforto das vossas palavras e o estímulo da vossa presença.

Outro que não fosse eu o poderia fazer com mais brilho, mas a carência de recursos é tal que para não baralhar os meus pensamentos e não massar V. Ex.^{as}, com repetições, me obriguei a reduzi-los a escrito.

Faz hoje trez anos de existência o Sindicato Nacional dos Empregados da Assistência aos Emigrantes em Navios Estrangeiros do Distrito de Lisboa. É, como vêem um Sindicato Nacional com idade pequena, um Sindicato jovem ainda, mas apesar disso muito há que registar de bom e de útil na sua curta história. De idade recente é também o Estatuto Nacional do Trabalho, pedra basilar desta obra, e no entanto, não há ninguém que, honestamente, possa negar as vantagens e a excelência de tão precioso documento.

Com trez anos de existência o meu Sindicato Nacional formou uma classe, criou uma profissão, enraizou nela disciplina e dignidade. De cerca de trez centenas de pessoas fez o meu Sindicato um agregado homogêneo, unificado e perfeito, doutrinariamente lucido e sempre pronto a defender esta casa contra todas as influências deletérias, venham de onde vierem.

O Meu Sindicato não expressa a vontade de meia dúzia de entusiastas defensores da ideia corporativa: Não vive dessa chama isolada de ideal, nem desse heróico sacrifício, posso garanti-lo a V. Ex.^{as}, sob minha palavra. O meu Sindicato representa a vontade inteira da classe, o querer sincero de trez centenas de trabalhadores, nacionalistas de alma e coração, mas dum nacionalismo tantas vezes pôsto à prova e sempre brilhantemente provado. A nossa profissão talvez mesmo, seja uma escola de nacionalismo, um curso de patriotismo, porque é entre estrangeiros o nosso trabalho, e é entre eles que o sentimento da Pátria necessita de coragem e amor para ser impôsto.

Não será excessiva vaidade afirmar a V. Ex.^{as}, que o meu Sindicato realizou em trez anos o programa que em muitos outros é uma doce miragem de bons nacionalistas: conseguiu criar

uma força colectiva, e encorpora-la na família corporativa por completo e inteiramente. Todo o profissional está dentro da organização. Nem um só homem lá fora.

Eu creio ser esta a aspiração maxima de toda a actividade corporativa.

Minhas senhoras meus senhores:

Pelas minhas palavras, poderá supor-se que eu reinvidico para mim o para os meus colegas da direcção deste Sindicato, todos os louros desta obra, a ponto de a supor inteiramente nossa.

Quando digo que o meu Sindicato cumpre por completo a sua missão corporativa, porque dentro dele se encontram todos os profissionais, porque o trabalho tem uma distribuição equitativa e é feita pelo Sindicato, porque entre o patrão entidade produtora e o Estado entidade fiscalizadora está o Sindicato como organismo regulador; porque toda a disciplina profissional e o respectivo aperfeiçoamento técnico dimana do Sindicato ou através dele, porque emfim o Sindicato é a casa segunda de cada um de nós; quando faço estas afirmações, repito, não quero dizer que apenas nós, com o nosso esforço, o conseguimos. Seria injusto, e além do mais egoista, se tal pensasse.

Esta obra, que não me canso de encarecer aos olhos de V. Ex.^{as}, teve um facto propulsor: o Estado Novo Corporativo.

A Revolução Nacional, foi o facto propulsor desta grande obra — afirma Bernardino dos Santos

E prossegue:

Se a Revolução Nacional não brotasse em 28 de Maio de 1926, se por intermédio dela a Nação não fosse revelado esse grande português que é Salazar, e ainda esse outro homem com H grande que é Pedro Teotónio Pereira, este Sindicato não existia, e não existindo éle a vida destas centenas de trabalhadores continuaria a ser o caos, a miséria e a dessonra. O trabalho continuaria a ser esmolado e dado com desprezo, o respeito e consideração que hoje gozamos, continuaria a

Afirmações que ficam a atestar a nossa obra

ser coisa ignorada. A própria, illustre assistente do Ins-assistência ao emigrante contendo Nacional de Trabalho, um nuaria a ser uma farsa escandalo e um dos valores mais lousa e repelente.

Por consequência o nome do outro grande amigo foi o Pátria continuaria a merecer ao Sr. Eng. Higino de Quei-estrangeiros um sorriso de quem chefe do gabinete do sr. midade, que era o insulto vergoso do Comércio, individuali-nhoso e triste.

Se não fora a Revolução Nacional, melhor dizendo, onal, insisto, estaríamos assistidos por efectivos, foram Foi, pois, em primeiro lugar Ex.^{mos} Srs. Dr. Afonso Ma-ao Estatuto Nacional do Trabalho e João Raio de Carvalho,



Mesa da presidência da sessão solene para a direita Dr. Fernando Amaral Cardoso, Sr. João Rebelo, Dr. Frederico Macedo dos Santos, Sr. Emilio Loupet dos Santos.

balho que nós devemos este primeiro inspector médico dos estar.

Após éle, a remodelação do chefe da secção dos Ser- Serviços de Assistência aos emigrantes, em quem grantes, a publicação de sempre encontramos decidido lação e por ultimo a acção do e comovente auxilio. funcionários dirigentes, pesso amigo também valioso, espí- de alta capacidade intelectual de renovar sensato e bon- nacionalistas de verdade e nossos, foi o Ex.^{mo} Sr. Tenente amigos sinceros.

O Sindicato formou-se a partir dos serviços de emigra- campo hostil ao seu engrandecimento a quem estamos devendo mento. Só da parte do Institutos e tantas honras. Nacional de Trabalho, e nos amigos também preciosos, os cionários superiores dos Serviços de Assistência da firma E. Pinto de Emigração encontramos o Sr. C. que desde o início acolhimento.

Foi nosso grande animador a firme vontade de secundar Ex.^{mo} Sr. Dr. Afonso de Carvalho desenvolvendo da doutrina Osório, um carácter nacionalista corporativo. puro, que a morte ceifou a quem não recorda, cargo de Director Geral da para os quais vai a nossa gurança Pública.

Foi nosso protector devoto e com estas dedicações que o Ex.^{mo} Sr. Dr. António Amaral dos Santos Sindicato progrediu e atin-

giu o estado de puro ressurgi- mento em que se encontra.

Desta casa vivem todos os pro- fissionais de assistência

Minhas senhoras, Meus senhores

Desta casa vivem todos os profissionais de assistência ao emigrante. Muito há ainda a fazer para que a nossa obra seja comple- ta, mas o que temos é já alguma coisa muito brilhante e prometedora.

Montada a maquina como temos, prestadas já as nossas provas de capacidade e orienta- ção, esperamos num curto espa- ço de tempo atingir a perfei- ção que ambicionamos.

Quem nos conhece saberá aval- iar a nossa obra, quem não nos conhece ainda basta que lhe di- gamos que não temos de mo- mento aspirações materiais e re- clamar do Estado ou dos patões.

Desejo terminar, mas não devo fazê-lo sem lamentar primeira- mente a ausência daquelas indi- vidualidades que muito desejaria vêr aqui para lhes testemunhar o grande reconhecimento da mi- nha classe. Estou convencido que só motivos de força maior, bem contrários à sua vontade os im- pediram de aqui estar, nesta hora de festa e alegria.

Entre as ausências sentimos bastante as do illustre Sub-Secre- tário de Estado das Corporações. Era para nós de muita honra a presença de S. Ex.^{as}, embora saibamos que este Sindicato pela sua pequenez, não pode nem deve tomar o tempo preciso de S. Ex.^{as}.

Minhas senhoras, meus se- nhores:

Desejaria apresentar a V. Ex.^{as}, o illustre conferente. Sr Dr. An- tónio Amaral Pirraí, que nos honrou mais uma vez com a sua presença, e desta vai dar-nos o prazer de escutar uma das suas lições. Ainda estamos todos re- cordados do magistral discurso de S. Ex.^{as}, de há um ano, dentro daquele gabinete. Orgulho-me hoje de poder proporcionar aos meus colegas, o prazer grandioso de ouvirem S. Ex.^{as} nosso bom amigo.

Que me perdôe S. Ex.^a, a fraca apresentação, mas é sincero tudo o que digo.

Termino, pois, convidando os presentes a continuar tendo pelo Sindicato o entranhado amor que

até aqui têm demonstrado numa simpática manifestação de soli- diedade. Que o dia de hoje fique na recordação de todos como um grande dia do sindi- cato, sem esquecer aqueles que andam no mar e que aqui são recordados com o mesmo cari- nho.

Antes, porém, peço que me acompanhem num brado bem sentido;

Viva o Estado Novo Corpo- rativo!

Uma prolongada salva de pal- mas, coroou as últimas palavras do orador.

A homenagem a Bernardino dos Santos — Pela comissão promo- tora fala Artur José Pereira

Antes de se proceder ao des- cerramento do retrato do nosso presidente, fala pela comissão o nosso colega Artur José Pereira:

Aos illustres representantes do Estado Novo Corporativo, Ser- viços Emigração, Imprensa, Sin- dicatos Nacionais, os meus res- peitosos cumprimentos.

Minhas Senhoras Meus senhores:

Faz hoje um ano, que nesta modesta e bendita casa de traba- lhadores, nesta mesma sala, foi por desejo desta classe colocado o retrato do illustre Sr. Dr. Pedro Teotónio Pereira, brilhante ho- mem do Estado Novo.

Essa sincera e justa homena- gem foi a prova cabal da muita lealdade desta colectividade ao Estado Corporativo, na pessoa illustre de S. Ex.^{as}, mas a homena- gem que hoje se vai prestar a um modesto e humilde trabalha- dor que pelo seu esforço e ho- nesto trabalho em prol deste Sindicato, um grupo de camara- das de Lisboa e Porto, admira- dores da sua incansável obra, lhe deseja prestar este tributo mere- cido pelos que dignamente sabem trabalhar em defesa duma classe.

Minhas Senhoras Meus Senhores:

Os homens afirmam-se no mo- mento próprio em que a sua acção se torna necessária e ás vezes imprescindível. Parece que ha uma reserva de energias ador- mecidas e ocultas nas horas cal- mas, mas que surgem e se reve- lam quando o interesse duma classe as chamam.

Foi assim que nos apareceu, no seio da nossa colectividade, na data memorável para nós de 1933, Bernardino dos Santos, que à frente dum grupo de de- votados e incansáveis camaradas, organizaram o nosso Sindicato,

dentro do espirito da ordem e da moral do Estado Novo Cor- porativo.

Esta foi a razão que nos levou no dia de hoje a registar um facto de real valor colectivo para esta classe, porque a evolução admirável e metódica que ela alcançou no decorrer de trez anos da sua organização é digna de ser registada como um exemplo dentro da familia trabalhadora nacionalista.

Atendendo ao número redu- zido da nossa classe, aos fracas recursos de que dispomos na parte material, não deixou este Sindicato, logo apos a sua fun- dação, de crear dentro do seu organismo uma caixa de auxilio, que nos primeiros dias da sua existencia, começou prestando subsídios por doença, funeral, serviços clinicos e outros de ca- rácter colectivo.

É com sublime orgulho que vos digo que é a prova cabal- mente digna da forma honesta como tem sido administrados, as melhores referencias do ele- mento oficial do País; como campo de cultura educativa para esta classe, foi organizada uma preciosa biblioteca, que já conta uma vasta colecção de obras de merecimento literário. Foi ainda criado o nosso jornal, como or- ção officioso e defensor da classe, que tem como directriz a defesa dos interesses da familia traba- lhadora.

Minhas senhoras Meus senhores:

Tôdas estas iniciativas e rea- lizações dentro dum curto espa- ço de tempo, se deve ao infa- tigável e valioso esforço de trabalho de Bernardino dos Santos, porque eu o mais modesto elemento do corpo directivo deste Sindicato, que junto dele tra- balho ha dois anos no ressurgi- mento da classe, reconheço que embora todos os camaradas das direcções transactas e actual, tenham dado o melhor da sua vontade e esforço, mas a parte maior deste ressurgimento se deve a éle, que durante três anos no seu mandato de presidente da direcção tem sabido, com critério digno e especialmente ho- nesto oriental e administrar a vida deste Sindicato.

Minhas senhoras Meus senhores:

Sinto me orgulhosamente feliz neste momento, que festejamos o nosso III aniversário na presença dos illustres representantes do elemento oficial, imprensa e dos nossos irmãos dos sindicatos nacionais, ao descerrar nesta sala o retrato do nosso incan- sável presidente, homem de ca- rácter firme, pelo muito que tem feito em prol da classe a que me orgulho de pertencer.

Bernardino dos Santos! os teus amigos e camaradas te con-

cedem aquilo que bem mereces.
Viva o Sindicato.
Viva o Estado Novo Corporativo.

Seguidamente, as gentis filha e sobrinha do homenageado deslappam o retrato, coberto pela bandeira nacional.

Toda a assistência, de pé, aplaude com delirio, e o nome de Bernardino dos Santos é vitornado longamente.

É o momento inolvidável de prestar justiça a quem tanto se tem sacrificado pela sua classe.

Fala Carlos Faneco — delegado do Sindicato Nacional dos Fragateiros

Usa da palavra, a seguir o Sr. Carlos Faneco:

Senhor Presidente
Meus senhores
Presados camaradas

Recebi o amável convite de falar nesta sessão solene em que se comemora ou festeja o 3.º aniversário do Sindicato Nacional dos Empregados da Assistência aos Emigrantes em Navios Estrangeiros do Distrito de Lisboa.

Dados os meus restrictos conhecimentos, hesitei de principio em o aceitar porque reconhecia e reconheço que nestas sessões só devem fazer uso da palavra as pessoas competentemente habilitadas, aquelas que de algum modo possam trazer aos trabalhadores os ensinamentos de que carecem.

Não era por isso a minha humilde e inculpa pessoa a indicada a falar nesta sessão e a contribuir para o seu brilhantismo. Mas o amável convite que recebi que não posso deixar de o atribuir como dirigido aos trabalhadores que tão deficientemente aqui posso representar, sendo feito pelo meu íntimo amigo Bernardino dos Santos, a quem me ligam estreitos laços de simpatia e camaradagem e ainda o facto de se tratar dum Sindicato com o que eu represento mantem as mais amistosas relações, considerando-se também marítimo e de funções correlativas, decidiram-me a aceitar o convite e, concomitantemente, a fazer o chamado *tour de force*, para dizer alguma coisa nesta sessão de trabalhadores.

O Sindicato Nacional cujo aniversário hoje solenizamos é, entre os marítimos, o que regista talvez menor número de filiados, mas em compensação é um dos melhores organizados e que mais serviços tem prestado à organização corporativa do País e também o que mais benefícios tem conseguido para os seus sindicatos.

Apesar de quasi não ter organização anterior à sua constituição, souberam os seus dirigentes, à frente dos quais é justo destacar a pessoa de Bernardino dos Santos, trabalhar com acerto e

inteligência e orientar a sua actividade no sentido da utilidade colectiva e dos seus filiados.

Antes da sua constituição, os empregados que hoje agremia, arrastavam uma situação quasi de miséria, sem as menores condições de vida, vegetando ao acaso sem qualquer defesa, vivendo como que por caridade pelos favores das pessoas de influencia nas Agências, nas quais quem não tivesse lâmpada acesa, difficilmente trabalhava. Os espúrios da Classe, quando conseguiam trabalho, era por preço elevado e tão caro que o saldo do fim da viagem era sempre negativo. Estes sudras, sem quaisquer direitos de trabalhadores, vagueavam em redor das Agências no estado deplorável e humilhante de quem implora esmola. Na baça e vaga esperança de encontrarem quem os explorasse. E então surgia a luta da miséria, o combate heróico para a conquista ou consecução da ratinhada cõdea de cada dia. Acotovelavam-se, forcejavam por preterir-se, moviam todos os empenhos e mobilizavam todos os amigos para alcançarem a viagem que, muitas vezes, de direito lhes pertencia.

A situação era de tal forma crítica para o pessoal que mesmo os considerados felizes, aqueles que estavam dados às Agências e que por isso supunham ter o pão certo, até estes não sabiam se na verdade a viagem lhes caberia, se teriam trabalho, tantas eram as oscillações de caridade de quem dava serviço, e porque quem dá esmola, dá quando quer e entende. É um defeito do sistema individualista: mesmo os que se consideram privilegiados nem sempre podem contar com os privilégios, como os que têm, não podem ter a certeza que o seu bem perdure. Tudo é contingente Assim, os empregados de Assistência aos Emigrantes, antes da constituição do seu Sindicato Nacional, nada tinham que lhes garantisse o parco pão de cada dia.

Todos sabem, quando trabalham, em que condições o fazem — diz Carlos Faneco

Ouvido com a maior atenção, o orador continua:

Constitui-se o Sindicato e tudo se modifica a pouco e pouco de modo que a situação do pessoal é hoje absolutamente regular. Todos sabem quando trabalham, em que condições o fazem e com o que podem contar. Hoje, os Empregados de Assistência aos Emigrantes, pouco menos que farrapos humanos de hontem, são trabalhadores com direitos definidos dentro das suas atribuições; já não imploram a esmola da viagem, mas fruem o direito incontrovertível de a fazerem quando a respectiva escala de trabalho lhes indica a competente altura. Andam de cerviz erguida como homens e hones-

tos trabalhadores, em lugar de se moverem de cabisbaixo como ainda não há muito tempo quando não tinham organização.

Não é só, porém, a consecução da escala de trabalho para todo o pessoal que valoriza a organização do Sindicato; outros benefícios existem conseguidos por ele que do mesmo modo a valorizam: a da regularização de número de empregados por determinado número de emigrantes em condições de tornar o respectivo trabalho humano, ao contrário do que até ali existia que os empregados não tinham limite de emigrantes a servir, tudo se fazendo segundo a vontade das Agências ou dos seus dirigentes, e até em condições de manifesta inferioridade com o pessoal de outros países. Conseguiu o Sindicato ainda a sua Caixa de Previdência que começa a ter uma existência regular e próspera. Em suma: o Sindicato Nacional dos Empregados de Assistência aos Emigrantes, pela sua primorosa e perfeita organização, é, como já disse, um dos primeiros, e é ao mesmo tempo um grande exemplo a seguir de que, com justiça, se podem orgulhar os seus dirigentes.

Toda esta organização, porém, foi possível, pelo auxilio prestado pelas instancias officiais e especialmente pelo valioso amparo, sempre dispensado a organizações desta natureza, pelos ilustres componentes do Instituto Nacional do Trabalho e Previdência Social.

Pode-se, pois, dizer que a sua perfeita organização, tal como existe, se deve à ordem Corporativa que nos rege. Ela que constitui a maior realidade dos nossos tempos, congrega na mesma aspiração emancipadora todo o País e Nação, dois termos expressando a mesma alma ardente de fé e entusiasmo e galvanizando todas as energias nacionais para o levantamento de todo um povo que tem como abstracto a sua forte e disciplinada massa trabalhadora.

Não podia a Nação, na sua forma estruturalmente Corporativa, consentir que trabalhadores, cuja actividade lhe é útil, vivessem à mercê do acaso e ao sabor dos favores caridosos de quem quer que fosse, e daí o impulso à organização que estamos a festejar e a tantas outras de igual natureza e que do mesmo modo devem contribuir para a grande obra de regeneração nacional.

O corporativismo

Carlos Faneco dá-nos com brilhantismo uma definição do corporativismo:

Ao contrário do que muita gente supõe, eu estou convencido que a ordem e sistema Corporativos, em lugar de apagarem, diminuir ou pulverizarem o individuo na Corporação, antes lhe concedem meios

de maior expansão e actividade. Simplesmente o que succede, é que o individuo na Corporação, por mais alto que pense o seu destino, só o pode atingir ligado a ela, elevando na mesma ascensão todos os que a compõem. Nas Corporações os destinos são iguais e equivalentes na ordem geral das realizações. As aspirações individuais subordinam-se aos interesses da Corporação e só se podem electivar em comum. O valor da Corporação está sempre na razão directa do valor dos seus componentes. Quanto mais estes se elevarem tanto mais alto ela se ergue. Por isso todos nelas são bem vindos, quer se trate do operário quer se refira ao sábio, ao engenheiro, ao químico e ao literato.

Esta concepção de realidade simplista quer dizer a todos os trabalhadores que têm de se aperfeiçoar na função que o destino lhes demarcou, certos de que o esforço e a dedicação de todos é por igual meritória e útil.

Para tanto precisa o trabalhador ter o orgulho da sua profissão, reconhecer o seu próprio valor, saber que presta o seu concurso à colectividade e que no desempenho das suas funções é um valor social.

Todas as profissões têm a sua mecânica especial e a sua técnica própria. Conhecê-la e sabê-la executar é a virtude do trabalhador que lhe dá direito à consideração que lhe compete.

Estou convencido que o trabalhador começa a ter a consciência do seu valor com a necessária noção de conjunto do que representa na vida da Nação.

Por isso tenho a certeza que ele não pode deixar de ser um elemento activo e disciplinado nas Corporações em cujo desenvolvimento funda as suas maiores esperanças emancipadoras.

Estamos numa época de realidades. Os meus votos são no sentido de que todos delas se apercebam.

E ao terminar, depois de me haver tornado bastante maçador, eu desejo saudar o Sindicato Nacional dos Empregados de Assistência aos Emigrantes e todos os seus dirigentes, e ao mesmo tempo felicitar todos os que têm contribuido para a grande obra das Corporações cujos efeitos salutareos se estão fazendo sentir no nosso meio.

Foi largamente aclamado o discurso do delegado dos Fragateiros.

Fala Emilio Loubet Secretário da Direcção do Sindicato do Porto

Outro orador se levanta para falar, o nosso colega e amigo Emilio Loubet, que nos vem trazer as saudações da classe do norte:

Venho incumbido de tarefa difficil, descompassadamente su-

perior às minhas possibilidades, ao desempenhar-me do dever de exteriorizar a impressão causada em todos os meus companheiros de trabalho do Norte, pela comemoração do III aniversário da fundação deste Sindicato Nacional, este ano assinalada pela elevada importância da sessão solene que está decorrendo, e a que eu me orgulho de assistir.

Confio, todavia, na benevolência dos que vão escutar as palavras que tenho a proferir, porque, sendo elas da lavra de meia dúzia de homens de trabalho, não são, nunca podiam ser um primor de retórica: mas, e isto assevero-o eu, consciente e orgulhosamente, constituirão o padrão demonstrativo da nossa lealdade, da sinceridade espontânea das afirmações que vou formular:

Antes, porém, de abordar o motivo principal desta festa tocante, eu quero dirigir algumas palavras de homenagem, que espero serão aceitas, às entidades superintendentes nos serviços da Assistência aos Emigrantes, que, pela sua actuação inteligente, porfiada e imparcial, mórmente, pelo devotado e desinteressado cuidado que têm posto na melhoria da situação económica desta classe, de há muito nos constituíram no dever de eterna e profunda gratidão.

Quero, pois, em nome de todos os componentes do Sindicato que represento, patentear nesta ocasião, que é a mais oportuna, o respeito e consideração que sentimos pelo Ex.^{mo} Sr. Tenente Castro Silva, prestigiosa figura de Militar e alto funcionário público, que vem concorrendo muitíssimo para o aperfeiçoamento dos Serviços da Assistência aos Emigrantes, graças à sua acertada orientação, que é o produto do entranhado amor com que vem desempenhando o seu elevado cargo, e cuja melhor prova do que afirmo está nas expressivas e carinhosas palavras com que, num rasgo de modéstia espontânea que nos sensibiliza, honrou as colunas do «Assistente ao Emigrante», honrando a classe inteira.

Quero, para não me alongar na repetição das mesmas palavras, tornar extensivo o modesto preito que aí fica aos Ex.^{mos} Srs. Tenente Adelino Soares, Dr. Afonso Malheiros, e aos Ex.^{mos} Srs. Emídio Ferreira e João Raio de Carvalho, todos por igual credores do nosso perdurável reconhecimento.

Cumprindo este dever, vou direito ao que motiva a minha presença, e a de meus colegas do Norte, nesta sessão solene, e afirmo:

A comemoração do III aniversário da fundação deste Sindicato Nacional é para todos motivo de satisfação. — Mas, para os componentes do seu congénere do Porto tem este facto um significado muitíssimo mais objectivo e importante, que os alvo-

roça de alegria, pelo que representa para eles:

Foi no dia 27 de Dezembro de 1933 que aos Empregados da Assistência aos Emigrantes de Lisboa concedeu, o Instituto Nacional do Trabalho e Previdência, alvará da constituição legal do seu Sindicato;

Foi a partir desse momento que os Empregados da Assistência do Porto começaram a pensar na criação de Organismo igual, aspiração que em princípios de 1934 se consubstanciou em realidade, no que fomos valiosamente coadjuvados pela Direcção deste Sindicato, nomeadamente, pelo seu Presidente, Bernardino dos Santos.

A lembrança destes factos que, conhecidos de todos, parecem não vir a propósito, tem o seu cabimento, porque foi depois da sindicalização da classe que os seus componentes tiveram noção exacta e clara do valor do Corporativismo Português, do que, até ali, no capítulo instituição de Sindicatos, duvidávamos, desenganados como se estava acerca dos benefícios, que as antigas Associações de Classe trouxeram aos trabalhadores, que foram nenhuns!

Só depois de nos organizarmos dentro do Estado Novo Corporativo, é que os nossos interesses deixaram de estar à mercê da carta de recomendação — declara
Emílio Loubet

Porém, nós vimos e crêmos: — e vimos que o que era um arremêdo da Classe dos Empregados da Assistência aos Emigrantes, depois da fundação dos Sindicatos respectivos, passou de facto a ser uma classe, na verdadeira acepção do termo, onde só labutam aqueles que a isso têm direito, os profissionais reconhecidos. — Só depois de nos organizarmos dentro do Estado Novo Corporativo é que os nossos interesses deixaram de estar à mercê da carta de recomendação deste ou daquele personagem influente, que fazia embarcar, em detrimento dos que vivem apenas do exercício desta profissão, indivíduos que, nunca tendo sido Empregados da Assistência aos Emigrantes, eram, não raras vezes, falhados noutras profissões, cujo desempenho é bem mais fácil que o da nossa!

Hoje não sucede assim: — O empregado da Assistência embarca, plenamente convencido de que a velar por ele fica o Sindicato, e isto significa que, desempenhada com regularidade a sua missão a bordo, volta a embarcar na altura devida, com a certeza de não ser preterido, em favor do mais recomendado, porque o Corporativismo Português expulsou o empenho das actividades nacionais! E, na da Assistência aos Emigrantes, fê-lo, pondo em seu lugar os Sindicatos Nacionais respectivos, como

símbolos de equidade e justiça, como órgãos vivos e asseguradores de perfeita concordância entre subordinados e superiores, entre o trabalhador e o Estado Novo!

Esta é a evolução, pela qual passou a nossa classe, num período de três anos, apenas! Estes são, na nossa classe, os apreciáveis resultados das funções orgânicas do Estado Novo Corporativo!

Da benéfica influência do Estado Novo em todos os sectores da vida nacional, falam factos de importância e evidência incomparáveis, que não é preciso citar aqui, porque aqui não estão cegos, porque a atestar a eficácia dos métodos do Estado Novo está o facto, bastíssimas vezes comprovado, em manifestações de toda a ordem, das arreigadas convicções Corporativistas de todos os trabalhadores portugueses, de toda a gente sã de Portugal!

Transição incompreensível? Não! Transição naturalíssima e esperada dum povo essencial, tradicionalmente nacionalista e cristão, transição que esteve pendente do aparecimento do Homem nacionalista e cristão, por índole e por inteligência, capaz de despertar o consciência duma Nação!

E esse Homem apareceu, e continuou à frente dos nossos destinos, esse Gigante sublime é SALAZAR!

Para ele a nossa homenagem, a homenagem eterna dos vindouros, que, como nós, lhe ficarão devendo o resgate!

Acabadas de formular as afirmações que não nos cançamos de repetir, saúdo todos os presentes, e, nomeadamente, os componentes deste Sindicato Nacional, a quem quero manifestar a simpatia e admiração que por eles sentem os seus camaradas do Norte, porque eles foram os primeiros, da classe, a ingressar nas fileiras da Nação organizada, levando-nos a seguir-lhes o exemplo, — o que em boa hora fizemos.

A todos, pois, o abraço de fraternidade cristã dos Empregados da Assistência do Norte.

A oração do Dr. António do Amaral Pirrait

Saudado com uma grande manifestação de simpatia, levanta-se para falar o Ex.^{mo} Sr. Dr. Amaral Pirrait. Feito o silêncio, o orador dirige-se ao representante do Sr. Sub. Secretário de Estado das Corporações, e sauda nêlo o Sr. Dr. Rebelo de Andrade, nosso chefe e nosso protector, de quem faz um elogio brilhante.

Afirma conhecer quanto desolou S. Ex.^a não poder comparecer naquela festa de trabalhadores, onde ele se sente bem.

Saudou depois, com oratória fluente, os funcionários dirigentes dos serviços de emigração, os representantes dos sindicatos nacionais, a imprensa e todos os

trabalhadores da nação corporativa.

Passou a dirigir-se à direcção do nosso Sindicato e à homenagem a Bernardino dos Santos, cujas qualidades exalçou com calor.

Depois entrou na materia da sua conferência, e disse:

Excelência
Minhas Senhoras
Meus Senhores:

Quando o Sindicato Nacional dos Empregados na Assistência aos Emigrantes me pediu para vir fazer uma conferência sobre um assunto de interesse corporativo à minha escolha, neste dia festivo da sua inauguração, senti que não me devia escuzar.

O S. N. dos Empregados na Assistência aos Emigrantes é para mim e mais perfeitamente para o I. N. T. P. um daqueles filhos queridos que depois de mobilizados esperam ante a anciedade dos pais o destino que lhes será dado.

Depois de haver atingido a sua maioridade corporativa e de haver mantido durante três anos uma conducta irrepreensível de efectivo e integral serviço da Nação, eis que a próxima organização dos serviços de que a profissão depende torna provável a sua inclusão nos quadros do funcionalismo e consequentemente o termo da sua vida e acção sindical.

Por outro lado como português e assistente do I. N. T. P. sou particularmente obrigado a este Sindicato, pela forma como ele tem sabido corresponder às suas responsabilidades.

Ainda há bem pouco tempo, no dia 28 de Maio ele se cobriu de glória na pessoa de alguns dos seus sócios que tomaram a seu cargo a iniciativa e a realização da festa nacional portuguesa a bordo de um grande navio estrangeiro, perante a admiração e o respeito dos homens de todas as raças, por tão admirável exemplo de patriotismo.

Acedi por tanto ao pedido com a indicação necessária de que não viria fazer uma conferência, mas tão somente uma palestra ligeira.

Limitar-me-ei a fazer algumas considerações sobre determinadas ideias fundamentais e gerais do Estado Novo Corporativo que possam interessar aos sócios deste sindicato, qualquer que seja o destino que lhe esteja reservado. Discorrerei dentro do título escolhido — da classe à profissão — repetindo meia dúzia de verdades conhecidas e tentando através delas dar a inteligência e à boa-vontade dos que me ouvem em conhecimento mais perfeito de ideia e de realização corporativa.

Poucos dos que me ouvem, teriam compreendido esse título...

Classe e profissão

Classe e profissão são dois termos que quasi se equivalem na linguagem vulgar e que por todos são empregados indiferentemente para significar o conjunto de indivíduos que exerce determinada actividade ou que occupa determinada categoria social.

A verdade porém é que vai sendo tempo de chamar a atenção dos portugueses para o verdadeiro sentido de determinadas palavras e de determi-

nados conceitos sociais e económicos em ordem ao Pensamento e aos objectivos da Revolução Nacional.

Assim a palavra classe tem socialmente um significado e um sentido muito diversos do significado e do sentido da profissão. A classe envolve em si mesma a ideia de categoria.

A profissão pelo um lado implica a ideia de serviço, de especialização, de trabalho e de função social e económica.

Todas as épocas da história conheceram senão estas duas palavras pelo menos aquilo que elas significam. Simplesmente foi muito diferente de umas para as outras a consideração em que foram tidas, por um lado a classe e por outro a profissão, na vida da sociedade.

De um modo geral, pode-se até dizer que o progresso da civilização se tem traduzido numa importância cada vez maior concedida à profissão e à subalternização da classe em relação a ela.

Dessa forma teremos encontrado nestas nossas considerações o fio de uma evolução que transcendendo a época presente nos certifica da verdade da revolução corporativa e da sua perfeita integração na vida e no progresso da humanidade.

Abstraindo dos princípios da história mal conhecidos, quasi desconhecidos dos homens, logo na sociedade clássica grega ou romano encontramos uma exemplificação perfeita desta verdade.

A Grécia e depois Roma conheceram sucessiva e cumulativamente várias classes sociais resultantes do nascimento, da fortuna ou ainda do desempenho de um cargo público mas nunca do exercício duma profissão.

Não quer dizer que o exercício da profissão não tivesse por vezes qualquer influência na situação das várias classes, mas quando existia sua influência exercia-se no sentido único de confundir todos os que trabalhavam numa mesma e ínfima classe.

Abaixo deles só existiam os escravos que constituíam a esmagadora maioria dos trabalhadores do tempo.

A situação dos trabalhadores, evoluindo através dos tempos...

Ao abrigo e por força das leis da oferta e da procura e da livre concorrência e doutros princípios semelhantes, a vida social, transformou-se numa luta de todos contra todos, odiosa e brutal em que sem limitação de espécie alguma o pobre e o fraco se sacrificavam ao rico e ao forte.

Não se encontram palavras capazes de exprimir com inteireza o que foi a situação do trabalhador durante a época liberal.

Para evitar qualquer escrúpulo moral por parte dos beneficiários de tão monstruoso sistema, os mestres economistas desenterraram no fundo da montureira materialista o conceito do *homo-aeconomicus* síntese de interesse material e de instinto sexual.

Através deste conceito o trabalhador já despersonalizado no trabalho em série das fábricas, já proletarianizado na promiscuidade dos bairros infectos, analisou-se e bestializou-se, confundindo-se numa massa ignara e miserável.

Nela se confundiram e quasi desapareceram como se houvessem sido

atingidos por um cataclismo, as diversas profissões, que tanto haviam honrado os homens da meia idade.

Surgiu assim uma classe enorme formada pelos pobres qualquer que fossem o trabalho que o ocupassem ou mesmo que não trabalhassem. Ao lado desta grande classe surgiram outras correspondentes a outras tantas situações económicas diversas.

A verdade porém é que embora várias estas classes bem depressa se confundiram numa única denominada burguesia por oposição à classe proletária constituída pelos trabalhadores.

Foi entre estas duas classes colocadas face a face na batalha da vida que Marx viria no momento próprio iniciar a guerra social de tão funestas e trágicas consequências.

O regime socialista-comunista implantado na Rússia, apesar de ser sob determinados aspectos a antítese do capitalismo liberal, adoptou o critério deste quanto à formação e existência das classes.

O operário diminuído e despersonalizado no capitalismo ainda mais se bestializou no comunismo. A massa de que falamos ainda mais a confundiu e fundiu dissolvendo-se numa bacanal de crimes e de absurdos.

Na expressão conceituosa do Abade Lix o socialismo revelou-se não como o contrário do individualismo, mas como o individualismo integral.

O desprezo do homem e da profissão ainda foi mais longe. Se o capitalismo fundava a hierarquia social no dinheiro, o comunismo firmou-a na situação política ou partidária.

Em vez de milhares de burgueses passaram a existir apenas alguns privilegiados filiados no partido que se arrogaram além da autoridade política, o poder económico e social sobre toda a população.

O absurdo da ideologia marxista...

Por mais seductura que seja a forma porque se apresenta a ideologia marxista e a sua pseudo realização, a verdade é que a situação deprimente que nela é reservada ao homem basta para desenganar todos os que honestamente a consideram.

A Revolução Russa conduzindo até ao extremo o absurdo materialista provocou no mundo a reacção natural dos homens e das nações.

Foi assim que por todo o lado, primeiro traduzido num movimento literário e cultural e depois numa acção prática e revolucionária, o nacionalismo surgiu por todo o mundo, erguendo numa síntese admirável de humanidade, as verdades eternas da Pátria, da família, da honra, do dever, da propriedade e do trabalho honrado e dignificado.

Em ordem a estes objectos e em conformidade com o espírito cristão que os determinou e definiu, a profissão, qualidade e timbre do trabalho, voltou a ser considerada na vida da sociedade, a ocupar nesta o lugar que lhe competia e a dignificar os que a exercem.

A revolução portuguesa não foge a esta regra e assim traduz na vida social pela restauração do primado da profissão e pela abolição da classe no sentido pagão, (capitalista ou socialista) da palavra.

Em consequência dos princípios cristãos de realidades que presidiu à sua

realização, o Estado Novo Português recuzou-se a admitir os velhos conceitos, individualistas da vida humana e social, da liberdade, do trabalho e da propriedade e formulou acerca deles conceitos nossos destinados a servirem de base e de objectivo à própria revolução.

Porém dentre os muitos conceitos que constituem o quadro esquemático dos Princípios da Ordem Nova, três há que particularmente importantes, foram decisivos para a sorte da profissão:

O primeiro é o da unidade moral e económica da Nação.

O segundo é o do trabalho — dever da solidariedade social.

O terceiro é o do capital, da propriedade e do trabalho funções sociais em regime de colaboração económica e de solidariedade.

Por força destes 3 conceitos que constituem uma consequência directa do conceito cristão da pessoa humana e são a um tempo o ponto de partida e o fim último do Estado Novo, a profissão recuperou o seu lugar na sociedade e a classe foi relegada para o domínio da história.

Na Nação organizada e que não vem a ser outra coisa senão a grande família de todos os portugueses, cada um deles tem uma função a cumprir em colaboração com todos os demais.

Essa função é dessa forma um dever, uma honra e uma fonte de direitos, é determinada pela profissão.

É através dela que cada português se integra na unidade económica da Nação, coopera na riqueza e propriedade de Portugal e cumpre o dever do trabalho.

Por isso cada profissão encontra na orgânica do Estado Novo, um lugar próprio e inconfundível.

A organização corporativa prevendo e suscitando a constituição das profissões em sindicatos nacionais não tem outro objectivo senão garantir a cada uma delas a união, a disciplina e a personalidade necessárias à melhor defesa dos seus direitos e a uma perfeita colaboração com as demais no interesse da Nação.

É assim que hoje em dia perante a incompreensão aflitiva de muitos e os protestos de alguns, o Governo com os peúdos ridículos dos regalados burgueses do velho tempo da fraternidade democrática coloca indiferentemente em plano de inteira igualdade os representantes dos Sindicatos Nacionais, dos empregados e operários e os dos grémios patronais quer do baixo quer do alto comércio, quer das mais doiradas finanças.

Sem ridículos e obsoletas de classes, mas com o critério unico, real e justo de profissão, como modalidade duma mesma função social igualmente necessária e honrosa, ricos e pobres, assinam com iguais direitos e obrigações os contratos colectivos de trabalho e da mesma forma fazem parte das diversas secções da Câmara Corporativa.

Mas além da razão prática que legitima o respeito e a importância dada à profissão existe uma incomparavelmente mais importante e que vem a ser o conceito cristão do trabalho que a Idade Média acatou e que tão providencialmente alumia o novo ciclo de história que por Graça de Deus e esforço dos homens, a reacção espiritualista e nacionalista iniciou no mundo e que Berdiaef numa inspiração feliz chamou «a nova idade média».

Vós sabeis também qual é o dever que através dela nos é imposto e os Princípios contidos na Constituição e no Estatuto do Trabalho Nacional...

Foi Salazar que disse que «a Nação é para nós uma e eterna», «que nela não existem classes privilegiadas nem classes deprimidas», e «que todo o trabalho tem a mesma nobreza e a mesma dignidade».

A bem da Nação, tenho dito.

Delirantemente aplaudido foi o Dr. Amaral Pirrait, a quem a assistência não se cansava de aclamar.

O agradecimento de Bernardino dos Santos

O presidente da Direcção voltou a usar da palavra para agradecer sensibilizado a homenagem que lhe acabavam de prestar, que disse ser imerecida. Salientou que tudo o que se tem feito pelo Sindicato se não deve a ele somente, mas aos seus colegas da direcção que são colaboradores preciosos.

O Dr. Frederico Macedo dos Santos, encerra a sessão.

Por último o Sr. Dr. Macedo dos Santos, fala para agradecer as homenagens prestadas ao Sr. Dr. Rebelo de Andrade.

Associou-se igualmente ao acto de justiça prestado ao presidente da direcção fazendo-lhe elogiosas referências.

O Dr. Macedo dos Santos encerrou depois a sessão, aos vivas ao Estado Novo Corporativo, a Salazar, a Teotónio Pereira, ao Dr. Rebelo de Andrade, Tenente Castro e Silva, etc. etc., calorosamente correspondidos pela assistência.

O «Porto de Honra»

As entidades oficiais representantes dos Sindicatos, Imprensa, etc., foi servido um «Porto de Honra», pretexto para se repetirem, com mais intimidade os votos de prosperidade ao Sindicato, à Nação, a Salazar e ao Estado Novo Corporativo.

O lanche

Terminado o «Porto de Honra» foi servido aos sócios e suas famílias um farto lanche, durante o qual reinou sempre a maior alegria.

Além de um brilhante improvisado do presidente Bernardino dos Santos, usaram da palavra Artur José Pereira, Camara, João Martins Quirgeira, Alvaro Gomes, e outros, sendo todos aclamados.